

# **A DINÂMICA DOS AFETOS DE SPINOZA E A HOMOFOBIA: Notas de uma aproximação do pensamento ético de Spinoza da intolerância sexual**

*THE DYNAMICS OF SPINOZA'S AFFECTS AND HOMOPHOBIA:  
Notes on an Approach to Spinoza's Ethical Thought of Sexual Intolerance*

Whesley Fagliari dos SANTOS  
Doutorado em andamento em Filosofia pela  
UNIOESTE  
E-mail: whesleyfagliari@gmail.com

## **RESUMO:**

O presente estudo tem como tema a reflexão sobre um problema que assombra milhares de pessoas: a violência gerada pelo preconceito em relação à orientação sexual, denominada de homofobia. A análise aqui proposta é conduzida sob a luz do pensamento ético desenvolvido pelo filósofo holandês Baruch de Spinoza (1632-1677). Embora o referido pensador não tenha tratado da homofobia de maneira nem específica e nem direta, é possível afirmar que Spinoza considera o preconceito e, conseqüentemente, a falta de empatia, como componentes que afastam o sujeito de alcançar êxito no caminho percorrido pelo ser humano para chegar ao estágio denominado felicidade.

**Palavras-chave:** Spinoza, Ética, Homofobia, Intolerância, Preconceito.

## **ABSTRACT:**

The present study has as its theme the reflection on a problem that haunts thousands of people: the violence generated by prejudice in relation to sexual orientation, called homophobia. The analysis proposed here is conducted under the light of ethical thinking developed by the Dutch philosopher Baruch de Spinoza (1632-1677). Although the aforementioned thinker did not deal with homophobia in a specific or direct way, it is possible to affirm that Spinoza considers prejudice and, consequently, the lack of empathy, as components that keep the subject away from achieving success in the path taken by the human being to reach the stage called happiness.

**Keywords:** Spinoza, Ethic, Homophobia, Intolerance, Preconception.

## 1. INTRODUÇÃO

O problema a que este trabalho se propõe a investigar e a analisar sob a ética de Spinoza é a violência crescente direcionada às pessoas partícipes da comunidade representada pela sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis e Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais e mais). A afetividade entre pessoas do mesmo sexo não é algo novo na história da humanidade. Nem, tampouco, um fator ou característica isolada. Junto com a expressão do afeto entre pessoas do mesmo sexo, ao longo da história, é possível e bem palpável a observação de incontáveis e cotidianos eventos de violência – das mais variadas formas e intensidades – contra as pessoas homossexuais, bissexuais etc. A violência (seja ela de qual tipo for: física, psicológica, emocional, entre outras) gerada pelo preconceito em relação à orientação sexual é denominada de homofobia<sup>1</sup>.

A análise proposta por este estudo é conduzida sob a luz do pensamento ético desenvolvido pelo filósofo holandês Baruch de Spinoza (1632-1677). A obra de Spinoza intitulada *Ética*<sup>2</sup>, a qual este estudo se dobra à pesquisa, foi escrita como uma espécie de guia. Ou seja, um caminho a ser seguido rumo ao que o filósofo holandês chamou de beatitude<sup>3</sup>. E o leitor de sua obra deve seguir esse caminho, essa leitura, essa condução gradual feita por Spinoza do primeiro para o último capítulo.

Embora o pensador holandês não tenha tratado da homofobia de maneira específica nem direta, ele considera o preconceito e a falta de empatia como componentes que afastam o sujeito – no caso da tipificação da violência aqui apresentada, tanto quem pratica a discriminação por orientação sexual quanto quem sofre a intolerância e a violência do preconceito – de alcançar êxito no caminho percorrido pelo ser humano para chegar ao estágio denominado felicidade. A violência, contudo, também é uma questão de moralidade.

De acordo com Spinoza, a moral e a geometria possuem duas características em comum. Elas são explicáveis e demonstráveis. O filósofo defende que a moral pode ser atingida, entendida e praticada assim como a geometria. Para Spinoza, as paixões, a irracionalidade podem ser estudadas geometricamente. Assim como os desejos. Ou seja, é possível estudar e compreender as causas e efeitos da irracionalidade.

Com o objetivo principal de demonstrar, através de algumas noções da teoria ética de Spinoza, que a homofobia diminui e até destrói a vontade de viver e de ser feliz de quem a sofre – e de quem a

---

<sup>1</sup> A palavra homofobia, etimologicamente, significa “medo de iguais”. Homo = igual ou semelhantes. Fobia (phobos) = medo irracional, exacerbado. Mas, no decorrer da história, passou a representar a aversão que algumas pessoas sentem por homossexuais e, conseqüentemente, a prática dos mais variados tipos de violência provenientes desta aversão e das pessoas que a nutrem.

<sup>2</sup> SPINOZA, Baruch de. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

<sup>3</sup> Beatitude significa, para Spinoza, alegria constante.

prática – busca-se, como resultado desta pesquisa, esclarecer que é possível conhecer as causas das atitudes homofóbicas e, com isso, combatê-la e superá-la.

## 2. ALGUMAS BREVES NOÇÕES SOBRE A METAFÍSICA DE SPINOZA

Faz-se indispensável apresentar aqui – ainda que breve e superficialmente – algumas noções da metafísica de Spinoza para melhor conduzir a argumentação protagonista deste estudo. Os primeiros capítulos da obra *Ética* conduzem o leitor para a compreensão do percurso que transita do corpo para a mente.

Embora sejam coisas diferentes uma da outra, para Spinoza, existe uma relação paralela entre mente e corpo. Ou seja, há um paralelismo entre a mente e o corpo. Isso significa dizer que mente e corpo são duas partes da mesma coisa. Mente e corpo são dois atributos da mesma substância, na medida em que são duas partes do ser humano e o ser humano, por sua vez, é extensão da substância. Isso se dá porque Spinoza determina que o ser humano é um ser psicofísico, porque o corpo e a mente são paralelamente importantes. É uma relação paralela entre mente e corpo, é correspondente. As afecções do corpo correspondem às percepções da mente. E o contrário também se dá:

**Entretanto (...), temos as ideias das afecções do corpo. Logo, o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, e o corpo (...) existente em ato. Ademais, como não existe nada (...) de que não se siga algum efeito, se, além do corpo, existisse ainda outro objeto da mente, deveria (...) necessariamente existir em nossa mente a ideia desse efeito. Ora (...), não existe nenhuma ideia deste efeito. Logo, o objeto da nossa mente é o corpo existente, e nenhuma outra coisa (SPINOZA, 2009, p. 61).<sup>4</sup>**

Um ponto importante na metafísica de Spinoza é o rompimento com a tradição que antropomorfiza Deus atribuindo-lhe características humanas. A partir deste pensamento de Spinoza Deus não apresenta mudanças ou vontade. Ele é “causa sui”, ou seja, causa de si mesmo. Deus é a substância que causa todas as coisas existentes, mas não é causado por nada.

Outra característica filosófica do pensamento de Spinoza é exterminar a noção ou o conceito de livre arbítrio porque tudo o que existe e tudo o que acontece está imbricado em uma cadeia causal. E não é possível conhecer todas as causas. Os humanos são seres causados, de acordo com a teoria de Spinoza. Isso implica em dizer que os humanos estão emaranhados em relações causais. Por isso, é um ser causado:

---

<sup>4</sup> SPINOZA, Baruch de. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada; por sua vez, essa última causa tampouco pode existir nem ser determinada a operar a não ser por outra, a qual também é finita e tem uma existência determinada, e assim por diante, até o infinito. (SPINOZA, 2009, p. 34).<sup>5</sup>

As contingências<sup>6</sup> são determinadas por uma sequência de outras contingências, de causas e efeitos provenientes dessas causas. Exemplo: a Maria vestiu a blusa amarela para ir ao parque de diversões porque a vermelha estava suja. A blusa vermelha da Maria está para lavar porque no dia anterior fez muito frio e ela teve de usar a blusa vermelha, que aquece mais o corpo. A Maria teve de ir ao parque de diversões vestindo uma blusa porque acordou bem cedo, ainda sem amanhecer, e com a temperatura ambiente mais baixa do que se ela tivesse ido depois do almoço.

E, ainda, é possível afirmar que Spinoza rompe com uma tradição filosófica que determina que a razão é superior ao corpo. Para Spinoza, razão e matéria têm a mesma importância, pois são da mesma substância.

## 2.1 Os Gêneros de Conhecimento

O primeiro gênero de conhecimento tratado por Spinoza é o das *ideias inadequadas*, da *imaginação*. São as primeiras impressões. As percepções imediatas, sensoriais. Daí resulta a imaginação. O ser humano imagina porque é finito e só consegue perceber as afeições do próprio corpo:

Vemos, pois, que todas as noções que o vulgo costuma utilizar para explicar a natureza não passam de modos do imaginar e não indicam a natureza das coisas, mas apenas a constituição de sua própria imaginação. E como elas têm nomes, como se fossem entes que existissem fora da imaginação, chamo-as não entes da razão, mas entes da imaginação. (SPINOZA, 2009, p. 47).<sup>7</sup>

O segundo gênero de conhecimento em Spinoza é o das *ideias verdadeiras*, ou da *razão*. Neste gênero de conhecimento o ser humano já não está passivamente aceitando apenas os dados sensoriais e, portanto, imaginando. Agora está pensando e, com isso, julgando. Quanto mais ideias verdadeiras se tem mais próximo da verdade, está porque isso permite um acerto do juízo: “Quem, com efeito, sabe distinguir o verdadeiro e o falso é porque deve ter uma ideia adequada do verdadeiro e do falso, isto é (...), é porque deve conhecer o verdadeiro e o falso por meio de segundo ou do terceiro gênero de

---

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Contingências são aquilo que pode ser diferente, ou seja, aquilo que pode ser modificado, substituído. É o oposto do necessário. Exemplo de contingência: a calça que fulano usa no domingo de manhã é contingente. A calça do exemplo poderia ter sido uma bermuda se o fulano estivesse vivenciando um verão ou, ainda, se a calça escolhida estivesse para lavar, não disponível naquele domingo de manhã.

<sup>7</sup> Ibidem.

conhecimento.” (SPINOZA, 2009, p. 82). No segundo gênero de conhecimento, que é o argumentativo e demonstrativo, foi onde Spinoza situou toda a sua ética, escrita neste estágio.

O terceiro gênero de conhecimento na ética de Spinoza é o das *ideias adequadas*, ou da *intuição*. Conhecimento intuitivo. As ideias adequadas conduzem à beatitude, ou seja, o estágio em que a mente do ser humano se aproxima de Deus porque atinge algumas ideias adequadas e, assim, a mente ganha a característica de eterna porque está fora do tempo: “A nossa mente, algumas vezes, age, outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece.” (SPINOZA, 2009, p. 99).

A “adequação” significa sair do primeiro e do segundo gênero de conhecimento e se aproximar ao máximo do terceiro gênero de conhecimento porque, desta forma, o ser humano está em seu grau máximo possível aumentando a sua potência de pensamento e se aproximando de Deus e, assim, sendo causa de si mesmo. Na medida em que o indivíduo tem ideias adequadas, ele age. Do contrário, ele padece.

### 3. A HOMOFOBIA E A DINÂMICA DOS AFETOS<sup>8</sup>

Spinoza chamou de conatus o esforço de se conservar. É uma potência de viver. Faz parte da essência do ser humano. É um esforço individual, particular. Conatus enquanto apenas exercício mental é chamado de “vontade”. Quando se refere ao corpo, o conatus é chamado de “apetite”. O conatus, portanto, na mente é vontade, no corpo é appetite. Ambos são necessários, ou seja, não são livres. Dessa maneira, conatus também é um desejo. A partir deste ponto, passa-se a relacionar e a analisar a prática da homofobia ao conatus de Spinoza.

Geralmente, o que o indivíduo deseja chama de bom. O que não deseja chama de ruim. Não mais valores absolutos. Segundo Spinoza, são os desejos de cada um que classificam o que é bom e o que é ruim. O juízo de valor é construído pela parte emotiva do sujeito. Dessa maneira, não é o sujeito que deseja coisas boas. As coisas se tornam boas, são consideradas boas, pelo desejo do sujeito: “Torna-se, assim, evidente, por tudo isso, que não é por jugarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apeteçemos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apetece-la, por deseja-la, que a julgamos boa.” (SPINOZA, 2009, p. 106).

---

<sup>8</sup> Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Explicação: “Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão.” (SPINOZA, 2009, p. 98).

A afetividade existente entre pessoas do mesmo sexo, ao longo dos tempos foi julgada e condenada por diversos segmentos da sociedade. Principalmente o religioso e fundamentalista. À luz do que apresenta Spinoza, a homossexualidade só é uma prática ruim devido ao julgamento de quem a condena. Em si, a homossexualidade não é boa nem ruim. Para a pessoa homossexual gostar, amar, se relacionar com outra pessoa do mesmo sexo é bom pelo mesmo motivo que é ruim para quem condena essa conduta. Isto é, são os desejos e apetites de cada indivíduo que tornam o fato bom ou ruim:

**(...) ...não desejamos uma coisa por julgá-la boa, mas, ao contrário, dizemos que ela é boa porque a desejamos. E, conseqüentemente, dizemos que é má a coisa que abominamos. Por isso, cada um julga ou avalia, de acordo com o seu afeto, o que é bom ou mau, o que é melhor ou pior e, finalmente, o que é ótimo ou péssimo. (SPINOZA, 2009, p. 124).<sup>9</sup>**

A vida do sujeito é guiada pelos seus desejos, que são egoísticos. A essência do ser humano é egoísta, de acordo com Spinoza, e a vontade de viver, a potência de vida, o desejo, são individuais. O desejo é sempre relativo a quem o sente, ou seja, muda de indivíduo para indivíduo. É o desejo de cada um que determina o que é bom e o que é ruim:

**Se alguém foi afetado, de alegria ou de tristeza, por um outro, cujo grupo social ou nacional é diferente do seu, alegria ou tristeza que vem acompanhada, como causa, da ideia desse outro, associada à designação genérica desse grupo, ele não apenas amará ou odiará esse outro, mas também todos os que pertencem ao mesmo grupo. (SPINOZA, 2009, p. 128).<sup>10</sup>**

Isso implica em afirmar que a pessoa heterossexual que julga a pessoa homossexual como errada ou condenável por sentir afetividade e desejo sexual por pessoas do mesmo sexo, o faz a partir de um julgamento em que o seu próprio desejo é colocado como juiz. E tal juiz condena aquilo que é diferente de si. O desejo estabelece o que é bom. O que é bom é relativo. Cada indivíduo tem o seu bem e mal, bom e mau. O desejo é sempre relativo porque muda de indivíduo para indivíduo. É o desejo que estabelece o que é bom e o que é ruim. Ou seja, o que o sujeito deseja é considerado bom e é bom porque ele deseja. Não é o contrário, ele não deseja porque é bom: “Vemos, assim, ser possível que um odeie o que o outro ama. (...) além disso, como cada um julga, de acordo com o seu afeto, o que é bom e o que é mau, o que é melhor e o que é pior (...), segue-se que os homens podem diferir tanto no juízo quanto no afeto.” (SPINOZA, 2009, p. 131).

O conatus pode ser aumentado, causando alegria ao indivíduo, ou diminuído, provocando tristeza e desânimo. Desses três elementos – conatus, alegria e tristeza – surgem todas as emoções. Afetos alegres são chamados por Spinoza de ativos e os tristes são os passivos. As paixões são sempre tristes, passivas.

---

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Ibidem.

Assim sendo, se alguém impede o sujeito de agir, sua potência é diminuída. Do contrário, pode aumentar. Se sua potência é aumentada, tem uma reverberação e a alegria aumenta também. Do contrário, a reverberação é negativa. A alegria é a prova de que as potencialidades estão sendo ou foram aumentadas.

Para Spinoza, não alcançar o que deseja, por fatores externos, causa tristeza ao sujeito, diminui a sua potência. O contrário causa felicidade, alegria, aumenta a sua potência de agir. Quando duas pessoas que se amam, ou que apenas sentem desejos sexuais um pelo outro, são impedidos de vivenciarem essa relação devido ao preconceito de alguém que os julgam ruins, ou errados, por não sentirem os mesmos desejos, suas potências de vida diminuem drasticamente. Sofrerão, desta forma, a tristeza de terem seus desejos, afetos diminuídos pela incompreensão de outros. Ou seja, a homofobia causa a diminuição da potência de viver de quem a sofre. Isso quando a vítima consegue sobreviver à violência, às agressões geradas pela intolerância, ignorância e preconceito alheios: “Logo, a alegria ou a tristeza de um discrepa da alegria ou tristeza de outro tanto quanto a natureza ou a essência de um difere da essência do outro e, conseqüentemente, um afeto qualquer de um indivíduo discrepa do afeto de um outro, etc.” (SPINOZA, 2009, p. 138).

Spinoza, entretanto, acende uma luz de esperança e alerta o seu leitor para o seguinte: o amor pode destruir o ódio. Ou seja, o conhecimento das causas pode mudar as emoções. Se o homofóbico perceber e entender de onde vem seu ódio, isso pode ser convertido em amor. Quando se erra a causa, se erra também os afetos, as emoções – necessariamente. Como exemplo, uma situação hipotética: um vizinho odeia o outro porque está convencido de que foi ele quem riscou a lateral do seu carro novo quando estacionado em frente à sua casa. O ódio do vizinho um não tem nenhuma fundamentação que não seja a sua imaginação, pois não há nenhuma prova de que tenha sido o vizinho dois quem tenha riscado o carro novo do vizinho um. Em certa ocasião, o vizinho um ouve seu filho adolescente conversando ao telefone com um amigo e descobre que foi o seu próprio filho o autor do risco na lateral do seu carro novo. Saber disso destrói o ódio do vizinho um pelo vizinho dois. Isso porque o vizinho um conheceu, de fato, a causa de seu ódio. Conhecer a verdadeira causa daquilo que lhe provocava ódio modificou o seu sentimento, a sua emoção em relação ao vizinho dois.

O conhecimento faz nascer, surgir os afetos. O mesmo pode acontecer em relação à homofobia. Através do entendimento das causas, da educação dos afetos, a pessoa homofóbica pode perceber que seu julgamento está fundamentado em alicerces que não passam de pré-conceito, preconceito, e, com isso, modificar a sua conduta. A relação homoafetiva que se entende por mal e ruim pode ser entendida de outra maneira:

Quanto ao bem e ao mal, também não designam nada de positivo a respeito das coisas, consideradas em si mesmas, e nada mais são do que modos de pensar ou de noções, que formamos por compararmos as coisas entre si. Com efeito, uma única e mesma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo e ainda indiferente. (...) Assim, por bem compreenderei aquilo que sabemos, com certeza, ser um meio para nos aproximarmos, cada vez mais do modelo de natureza humana que estabelecemos. Por mal, por sua vez, compreenderei aquilo que, com certeza, sabemos que nos impede de atingir esse modelo. (SPINOZA, 2009, p. 157).<sup>11</sup>

Dessa forma, as pessoas homossexuais não terão sua vontade de viver, seu potencial de vida, diminuídos pela violência e incompreensão daqueles que praticam tais atitudes hostis por se considerarem corretas ou tendo como a si mesmas como parâmetro de julgamento. Assim, aquelas pessoas que praticam a homofobia – desde o jeito mais velado até a agressão mais intensa – terão condições de modificar suas condutas e transformarem suas ações a partir do conhecimento das causas de suas práticas ofensivas, violentas: “Julgo, com isso, ter demonstrado por que os homens são movidos mais pela opinião do que pela verdadeira razão, e por que o conhecimento verdadeiro do bem e do mal provoca perturbações do ânimo e leva, muitas vezes, a todo tipo de licenciosidade.” (SPINOZA, 2009, p. 167).

Assim, se o objeto de amor, ou seja, aquele ou aquela que é amado ou amada, está alegre, também assim estará quem o ama. Se um fica feliz, o outro também estará feliz. O contrário também pode ocorrer. Se um estiver triste, deixará o outro triste também. O principal derivado da alegria é o amor. O amor de um pelo outro aumenta o conatus de cada um. A potência elevada de um, somada à potência elevada do outro, fortalece duplamente os dois sujeitos, isto é, esses dois indivíduos serão duplamente mais fortes: “Com efeito, se, por exemplo, dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem.” (SPINOZA, 2009, p. 169).

Uma alegria verdadeira é mais forte do que qualquer tristeza porque é mais potente. É mais virtuoso quem age mais porque padece menos. O que traz a virtude moral é o conatus. Agir e não padecer é a virtude moral porque faz a potência do sujeito crescer. Conatus é virtude: “O esforço por se conservar é o primeiro e único fundamento da virtude. Com efeito, não se pode conceber nenhum outro princípio que seja primeiro relativamente a este (...) e, sem ele (...) não se pode conceber virtude alguma.” (SPINOZA, 2009, p. 171).

A pessoa homofóbica também encontra benefícios em superar seu ódio não fundamentado porque escolher conhecer e superar a própria ignorância acarreta alegria. E, segundo Spinoza, alegria é

---

<sup>11</sup> Ibidem.

potência de vida. Uma escolha ética racional aumenta a potência de agir, o conatus. Dá alegria. A alegria é sempre mais forte do que a tristeza. A alegria significa sempre o aumento do conatus. Necessariamente.

Sendo assim, o homofóbico também se liberta, pois suas ações já não são causadas por nada exterior. Ou seja, quando a causa da ação surge da própria substância, da própria essência. Sendo o que Spinoza chama de causa adequada das próprias ações, o indivíduo deixa de ser escravo de causas externas. Conhecer é a melhor maneira de se libertar. O conhecimento muda o seu estado dentro da situação.

Tem-se que alcançar a máxima alegria. Spinoza recusa tudo o que vem da tristeza porque ela diminui o conatus. De acordo com o filósofo holandês, o pior afeto passivo é o ódio. O ódio é o filho direto da tristeza: “O ódio é uma tristeza acompanhada da ideia de uma causa exterior.” (SPINOZA, 2009, p. 143). Em contrapartida, o amor é o filho direto da alegria. Alegria adequada nunca é excessiva:

*Pelo contrário, quanto maior é a alegria de que somos afetados, tanto maior é a perfeição a que passamos, isto é, tanto mais necessariamente participamos da natureza divina. Assim, servir-se das coisas, e com elas deleitar-se o quanto possível (não, certamente à exaustão, pois isso não é deleitar-se), é próprio do homem sábio. (SPINOZA, 2009, p. 187).<sup>12</sup>*

O mal é sempre um conhecimento inadequado. E isso pode ser aplicado aos preconceitos, às infinitudes de infundadas violências contra pessoas que se relacionam sexual e amorosamente com outras pessoas do mesmo sexo. A homofobia é devastadora. E é irracional. É um erro. Os erros morais são resultados de um uso errado da razão. Se a razão é a parte mais nobre do ser humano, ela deve ser cultivada. A razão tem todas as condições de dominar as paixões. E isso é moralidade para Spinoza, ou seja, o domínio das paixões pela razão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Spinoza defende que cada indivíduo é diferente do outro em seus desejos e vontades. Há nesta afirmação uma característica dos humanos que muitas pessoas não se atentaram ainda: a diversidade é inerente à humanidade. Em contrapartida, uma coisa é evidente: a violência – seja ela qual for – é um dado presente na realidade de um número muito grande de pessoas. E cada ato, gesto, palavra ou acontecimento violento diminui a alegria, a força e até mesmo a vontade de viver de quem a sofre.

Se por um lado os dados e perspectivas de melhora deste quadro de violência contra pessoas que se relacionam com outras pessoas do mesmo sexo contribuem para o desânimo ganhar força, por outro lado, Spinoza aponta com esperança a possibilidade de o uso da razão contribuir para que os seres

---

<sup>12</sup> Ibidem.

humanos – até mesmo os violentos – consigam entender as causas que geram a violência e, desta maneira, superá-la. Porque a homofobia, via de regra, é ensinada como hábito e incorporada sem ser racionalizada.

Ao conhecer as causas reais de suas atitudes, as pessoas – até mesmo as homofóbicas – podem praticar racionalmente uma outra característica extremamente importante da humanidade: a empatia. As pessoas que sofrem a violência da homofobia têm seu *conatus* diminuído. E ninguém gosta de se sentir triste, sem forças, impotente. É doentio viver sob o crivo da ameaça constante e iminente.

De acordo com Spinoza, na medida em que cada pessoa toma uma decisão, uma atitude, as consequências desta decisão se tornam presentes. Como o exemplo sobre a blusa amarela de Maria<sup>13</sup>, a pessoa homofóbica decidiu manifestar a violência como expressão de sua intolerância. Uma atitude que vai gerar uma série de contingências.

Cabe ressaltar ainda que o argumento religioso é amplamente utilizado para justificar atitudes homofóbicas que nada mais são do que a expressão da violência irracional e intolerância de quem a pratica. E, para contrapor esse argumento, é possível recorrer à Spinoza quando este afirma que Deus é causa de todas as coisas existentes. Ora, se Deus é causa de todas as coisas existentes e todas as coisas que existem só existem porque foram causadas por Deus, então, Deus é causa também da homossexualidade. Citar trechos específicos<sup>14</sup> da bíblia como sinônimo de autoridade não pode ser admitido quando considerado o Deus “causa sui” de Spinoza. Não é possível agradar ou desagradar a um Deus não antropomorfizado. E, a partir daí, nem mesmo no contexto dogmático-religioso se sustenta defender o “pecado” da homossexualidade.

À medida em que se percebe, de acordo com Spinoza, que não há livre-arbítrio, que todas as contingências são geradas e geradoras de tantas outras e, assim, causa e efeito, se desdobram imensuravelmente, a homossexualidade deixa de ser boa ou má. A expressão de sua existência e manifestação autêntica de afeto das pessoas LGBTQIA+ são escolhas de afirmação, de posicionamento, de pedido de respeito e de busca por um lugar na sociedade. Escolhas que geram e impulsionam uma cadeia causal que se desdobra para além do previsível.

O uso da razão, entretanto, a busca por ideias adequadas que proporcionem ao sujeito o entendimento e o protagonismo de suas próprias ações e pensamentos, podem promover a empatia. A empatia, por sua vez, promove o respeito. O respeito ocasiona o aumento da potência de agir: o *conatus*. Ser causa consciente de suas próprias ações e, com elas, promover o respeito à diversidade apresentada na própria característica da humanidade é atingir a beatitude. É ser um pouco de Deus.

---

<sup>13</sup> Consultar a página 04 deste artigo.

<sup>14</sup> Apenas para citar alguns exemplos, conferir Coríntios 6:9-11, Levítico 18:22 e Romanos 1:21-27, na Bíblia Sagrada.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. 117ª edição rev. e atualizada no Brasil por Frei João José Pedreira de Castro, O.F.M. e equipe auxiliar da Editora. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda., s.d.

SPINOZA, Baruch de. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.



SANTOS, Whesley Fagliari dos. A DINÂMICA DOS AFETOS DE SPINOZA E A HOMOFOBIA: Notas de uma aproximação do pensamento ético de Spinoza da intolerância sexual. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.1, 2023, eK23004, p. 01-11.

Recebido: 12/2022

Aprovado: 01/2023